

Paraíso Perdido e Terra Prometida

Alberto da Costa e Silva

Começemos pelos mal-entendidos. O do brasileiro, por exemplo, que se decepciona e até se irrita com o seu amabilíssimo cicerone português, porque este insiste em mostrar-lhe as auto-estradas, as pontes suspensas, os edifícios modernos e os centros comerciais, quando o que ele quer ver é o Portugal de sua saudade, uma saudade herdada de seus avós ou adquirida nas leituras de menino e moço: as aldeias, as quintas, os vinhedos e os lagares, além, naturalmente, das ruas estreitas de Lisboa e do Porto, do castelo de Tomar, dos Jerônimos, da Cedofeita e, quase como concessão, do Terreiro do Paço. Para conhecer as modernices e receber as últimas notícias do progresso, o nosso brasileiro pensa que o melhor é ir diretamente ao 202 dos Campos Elísios, ou seja, aos Estados Unidos da América. Descendente de imigrantes rurais, o brasileiro identifica Portugal com o seu *locus amenus*, o horto do qual os seus antepassados foram, um dia, obrigados a sair, ainda quando eles sejam parcialmente tupis, tapuias e aruaques ou tenham vindo de Angola, da Itália, da Nigéria, da Espanha, da Alemanha, do Congo, do Líbano ou do Japão. É este Portugal antigo e aconchegante o que percorre comovido, porque o reconhece no que em sua alma é permanência.

Já o português espera do Brasil a realização das utopias. Emociona-se com o Portugal que reencontra em terras brasileiras, mas nelas busca muito mais que isso: busca um futuro imaginado. Por essa razão, impacienta-se, quando não se indigna, por não ver cumprido o sonho. Não se conforma com um país que pouco tem de diferente dos outros e de onde não foram erradicadas nem a pobreza nem as desigualdades sociais. E tampouco se resigna com um país que não chegou a rico e poderoso como merecia o esforço que nele puseram, no passado, os portugueses.

As imagens do paraíso perdido e da terra prometida estão pintadas nas lentes dos óculos através das quais brasileiros e portugueses se olham mutuamente. Ou melhor, dos binóculos, que os primeiros usam como de norma, para, ampliando Portugal, colocá-lo nas dimensões a que estão acostumados, e os outros, de modo invertido, para, reduzindo a imagem, tornar compreensíveis os tamanhos do Brasil. Mas, às vezes, sucede o contrário: o brasileiro olha Portugal com o binóculo às avessas, e o tem por ainda mais pequeno; e o português, ao usar o instrumento como de praxe, aumenta desmesuradamente o Brasil.

No espaço e no tempo, tendemos a buscar-nos como nos imaginamos e não, como provavelmente somos. Num e noutro caso, ficamos, contudo, com o gosto do insuficiente e do incompleto. Até porque esperamos ver também no outro, como num espelho, a nossa imagem. Apesar de todos os desentendimentos e desencontros – e estes não faltaram ao longo da história comum –, queremos nos sentir a continuação ou a metade do outro, e não apenas membros da mesma família, da mesma linhagem ou do mesmo clã. Acreditamo-nos obrigados a estar sempre juntos, no mesmo caminho para um destino comum ou, quando menos, compartilhado. É com dificuldade que aceitamos que o outro possa ter interesses distintos dos nossos e escolha sem nosso dedo os seus outros companheiros, dos quais não é raro que nos enciumemos. Agimos como se, irmãos afetuosos, fôssemos, por isso, contrangidos a casar na mesma família. Daí que saíamos aos gritos de mouros na costa tão logo alguém anuncia que Portugal se desatlantiza ou que o Brasil se está deslusitanizando.

Parece que nos esquecemos de que o Portugal que saiu oceano afora era um país europeu, talvez aquele que melhor representava, no século XV, o novo espírito europeu. Chegou a outras terras e nelas se deteve como ponta-de-lança da Europa. E é natural que reancore no seu continente, findo o que havia de pioneiro em sua empresa no Atlântico e no Índico.

Quanto ao Brasil, ao deslusitanizar-se, ele nada mais faria, se tomarmos a palavra em seu sentido estrito, do que imitar Portugal. Pois Portugal, que se apresenta ao mundo com uma extraordinária unidade, também foi, num passado que se alonga por mais de dois mil anos, o que o Brasil é: uma nação pluriétnica e pluricultural; e dos matrimônios e embates que nela se deram ainda sobravam reminiscências preconceituosas nos autores portugueses do início do século XX, e até mesmo no humaníssimo Raul Brandão, quando

opunha, como era de moda, o nortenho alourado e godo ao sulista moreno e árabe-romano. Todos sabiam que o processo fora muito mais complexo e que era extensa a lista de povos e culturas que formaram a Nação portuguesa. E continuaram a formá-la, após os descobrimentos. Basta lembrar o grande número de escravos negros na Évora quatrocentista e na Lisboa dos três séculos seguintes, e o papel que exerceram na abertura para a lavoura das terras do Alentejo e do Algarve.

Se esses mal-entendidos afetuosos – e aqui ponho apenas alguns – complicam a conversação entre os que falam português, também nos ajudam a fazer face, emotiva e intelectualmente, a novas realidades, porque, em sua maioria, são quíproquós fundados no afeto, e este forma a linha com que costuramos nossos panos diferentes – diferentes em largura, comprimento, encorpado, tipos de fio, textura e tingimento. A história das relações entre brasileiros e portugueses, no último século e meio, mostra-nos, por exemplo, como o sentir-se cada qual a metade do outro fez com que diferenças de regimes políticos – república no Brasil e monarquia em Portugal, autoritarismo em Portugal e democracia no Brasil, e autoritarismo no Brasil e democracia em Portugal – não impedissem ou entorpecessem o diálogo e a colaboração entre os dois Estados e, muito menos, entre os dois povos. Entre estes vigora uma solidariedade que está acima e por fora dos governos. Ainda quando regiam os dois países sistemas ditatoriais comunicantes entre si, os foragidos do Estado Novo salazarista encontravam refúgio e proteção no Brasil, e os adversários do Estado Novo getulista, resguardo e amparo em Portugal.

Essas relações têm sido, aliás, de uma constância e intensidade raras, de que só encontro um outro exemplo no plano internacional: as entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos da América. Se, em todos os momentos de nosso convívio, e até nos mais eufóricos, há sempre – repito – um travo de insuficiente e de incompleto, é porque aspiramos a uma intimidade cujo limite está sempre mais além. Há, claro, períodos de acalmia, de aparente recesso, como há outros em que se expandem as expectativas. Mesmo na baixa-mar, no entanto, o Brasil é uma referência constante, ou, quando menos, insistente, no quotidiano português – no interior das casas, nos cafés, nas ruas e não apenas nos jornais, no rádio, na televisão e na universidade – e Portugal tem uma presença no Brasil que não guarda qualquer relação com seu peso específico e sua importância no resto do mundo. Talvez não ficasse mal lembrar aqui o dito jocoso de que brasileiro só é importante em Portu-

gal – o que talvez também se aplique às avessas. Quem quer dentre nós que viaje pela Europa e chegue ao Porto ou a Lisboa, logo perceberá que se desfez a ausência do Brasil, pois este aparece em toda a parte. Não será difícil que, no táxi para o hotel, já ouça música brasileira ou notícias de Brasília, São Paulo ou Rio de Janeiro.

Talvez não seja o Brasil que queríamos o que entra pelos olhos, os ouvidos e a imaginação dos portugueses. Nem sempre a outra parte aceita, entende, acolhe ou faz seu o que lhe mostramos, oferecemos e propomos, ou o que temos de melhor. As afinidades e as incompatibilidades são muitas vezes inexplicáveis e, com frequência, contraditórias, e o que hoje não nos agrada pode amanhã apaixonar-nos, ou vice-versa. Ao entusiasmo com que um lado recebia ou recebe certas manifestações do outro – dou os exemplos do teatro português no Brasil do início do século XX e do teatro brasileiro no Portugal da metade do Novecentos – pode suceder a indiferença, ou porque houve mudança de qualidade e originalidade no que passou a exhibir-se, ou porque se alteraram a sensibilidade e as exigências da platéia.

Não se funda sobre interesses econômicos o convívio luso-brasileiro. Tampouco se assenta na convergência de posições políticas no plano internacional. Por distintos e distantes tinham-se os cenários de atuação de cada um dos dois países. E, por terem interesses e prioridades diferentes, raramente coincidiram, ao longo dos últimos cento e setenta anos, suas percepções do que se passava no mundo e, conseqüentemente, as reações diante dos acontecimentos e as posições que foram chamados a assumir. Se nada disso, no entanto, afetou a intensidade dessas relações, é porque elas pertencem a um outro âmbito – ao âmbito da família – e se passam muito mais na camaradagem das conversas de calçada e na intimidade da janela que se abre para a da casa defronte do que no mercado e no fórum.

Esse sentimento de que os dois países estão unidos não só pelo idioma e por antepassados comuns, mas sobretudo pelo reforçar, a cada geração, dos laços de parentesco, poderá vir a diluir-se à medida que envelhece, no Brasil, a comunidade dos nascidos em Portugal e não são preenchidos por novos imigrantes os vazios nela abertos pela morte. É certo que ainda chegam alguns poucos portugueses ao Brasil e o que o número dos brasileiros que se radicam em Portugal é, hoje, três vezes superior ao de cinco ou quatro décadas passadas. Basta, porém, correr os olhos pelas paisagens do Norte de Portugal, para reconhecer a grande mudança: a *maison* e a *haus* dos portugueses

que foram ganhar a vida na França, na Bélgica, em Luxemburgo e na Alemanha já são mais visíveis do que as “casas de brasileiros”. Muitas destas últimas, cabeças de grandes quintas, construídas por portugueses retornados ou que sonhavam com o regresso à terrinha, estão, por enquanto, longe de ter, em tamanho e ostentação de opulência, rivais ou equivalentes naquelas, que não passam de residências de classe média, erguidas pelos que foram, após a Segunda Grande Guerra, para os países que hoje compõem a União Européia. Pergunto-me, pressentindo a resposta, quantos desses emigrantes para a Europa lograram a riqueza, o prestígio social e a influência política que tiveram numerosíssimos portugueses nas grandes cidades brasileiras, um prestígio e uma influência que se alongava em Portugal, onde vários deles eram beneméritos de suas terras natais.

O ir e vir entre as casas que possuíam em Botafogo, no Rio de Janeiro, e na Avenida da República, em Lisboa, os estudos do filho em Coimbra e o casamento da filha com um morgado minhoto, o compadre que atravessava o oceano para ajudá-lo na condução dos negócios e o sobrinho que vinha, como caixeiro, amargar seu aprendizado, tudo funcionava como uma lançadeira a compor um tecido no qual o pertencer-se à mesma família valia mais do que o passaporte com o qual se viajava. E este, se brasileiro, recebia um tratamento de primazia em Portugal. Agora, é apenas o documento de mais um daqueles indivíduos que não pertencem à confederação privilegiada das tribos européias.

Esse afastamento encontra corretivos na unidade do idioma, na crescente facilidade de comunicações e na semelhança de culturas, com a correspondente curiosidade pelas diferenças. Quem quer que tenha morado no exterior lembrará como brasileiros e portugueses tendem, no exílio, a formar uma só comunidade, a celebrar de igual forma ou de modo parecido as mesmas festas e a se somarem nas que não lhes são comuns, adotando-as com freqüência. Sentem-se confortados em se entenderem na língua materna e trocam, a estimarem as dessemelhanças, ditos e palavras. De repente, um brasileiro solta na conversa um termo que o português não ouvia desde a meninice. Ou sucede, com igual surpresa, o contrário.

Vistas do lado do Brasil, as relações com Portugal, ou são afetuosas, ou perdem preço. Não será na esfera das transações econômicas nem das articulações políticas – embora tanto as primeiras quanto as segundas sejam da maior relevância – que se estreitará ou diluirá a fraternidade luso-brasileira,

mas, sim, no horizonte das relações humanas. Nestas, forçoso é desenvolver cada vez mais um sistema de referências comum, isto é, manter o matrimônio de nossas culturas e evitar os silêncios e os estranhamentos que, de momentâneos, se podem tornar permanentes. O que um dos dois países alcança no plano do pensamento, da investigação científica, da história, da literatura, da música, das artes plásticas, da dança, do teatro e do cinema, deveria chegar prontamente ao outro, como já ocorre com a televisão e o *show business*. Para isso, impõe-se, antes de mais nada, reacender a curiosidade mútua. E não deixar que ela se apague.